

Data: 19.04.2021

Título: A pandemia "expôs fragilidades" das cidades que já não podem ser ignoradas

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;16;17



Urbanismo
A pandemia "expôs fragilidades"
das cidades que já não podem
ser ignoradas
Local, 16/17

Área: 1222cm² / 43%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 7112122

Local O efeito revelador da pandemia

A pandemia “expôs fragilidades” das cidades que já não podem ser ignoradas

João Ferrão Geógrafo e especialista em políticas urbanas explica que a pandemia tornou mais evidentes as desigualdades entre a cidade planeada e a cidade inorgânica

Entrevista

Abel Coentrão Texto
Pedro Nunes Fotografia

Geógrafo, investigador aposentado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, João Ferrão admite ter sido surpreendido pela forma como um vírus suspendeu o funcionamento das cidades. Passado um ano de uma crise que ainda não terminou, o antigo secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades acredita que as fragilidades que a pandemia tornou evidentes já não podem ser ignoradas pelos decisores.

A actual pandemia expôs inúmeras fragilidades da nossa organização enquanto sociedade. Como geógrafo, o que o surpreendeu mais na forma como a covid-19 afectou as nossas cidades?

O mais extraordinário foi ver como, sobretudo no início, a pandemia suspendeu o funcionamento das cidades. Era uma coisa impensável. Aliás, circularam muitas fotografias com as ruas vazias, e foi quase como se tivéssemos um momento de laboratório, em que disséssemos: vamos agarrar nesta cidade e suspendê-la, para ver o que é que acontece. Vamos ver como ela é vazia e parada. É extraordinário, para o mal e para o bem. Os laboratórios servem para percebermos melhor as coisas. **E o que é que percebemos?** Desde logo vimos que o vírus suspendeu aquilo que tinha que ver com a actividade humana, mas não suspendeu a natureza, que continuou a funcionar. E isso foi muito curioso. Foi durante pouco tempo, mas vimos a natureza a começar a penetrar na cidade. Eu, nas minhas varandas [em Lisboa], tive pela primeira vez joaninhas,

tive pombos a pôr ovos. Tornaram-se mais ousados. E já nem falo na qualidade do ar... A natureza continuou a trabalhar, e ficou a trabalhar até mais à vontade. É pena não termos relatos das outras espécies. O que terão pensado os polinizadores dessa fase de confinamento? Andavam felicíssimos. Mas os pássaros, uns andariam felizes, outros não. Sem as migalhas e tudo o que lhes dão, os pombos deviam estar tristíssimos. Pelo contrário, os pássaros que viviam à volta da cidade devem ter descoberto aqui um espaço novo. Não sabemos, mas é interessante vestir a pele das outras espécies, e tentar perceber como terão elas lido uma realidade que também lhes deve ter sido surpreendente. Por outras razões. **Do ponto de vista humano, também tivemos uma dicotomia entre aqueles que estavam obrigados a ficar em casa, e aqueles que eram obrigados a sair, pelas funções que exerciam. Ficou à vista quais eram as funções essenciais para o funcionamento da cidade?**

Apesar de tudo, acho que a pandemia trouxe à luz do dia uma outra tensão muito mais forte, o facto de termos pessoas que tinham condições para ficar em casa, e outras que não tinham condições nenhuma para ficar em casa. Nem estou a falar dos que não têm casa – dizer a um sem-abrigo para ficar em casa é paradoxal. Refiro-me às pessoas que vivem em habitações sobreocupadas, sem condições, sem nenhum espaço público mínimo à volta. Esta talvez tenha sido uma oposição muito clara que veio ao de cima e que do ponto de vista do planeamento é muito interessante. Ainda não foi estudado, mas parece claro que a pandemia opôs as áreas planeadas (quer as de classe média, média-alta, quer de classe mais

popular, mas que tinham um mínimo de planeamento), às áreas sem qualquer planeamento. Nestas não há espaço público, as habitações são muito piores. A cidade inorgânica era, aqui, a parte mais frágil, pela forma como está organizada, e pelo tipo de pessoas que vivem nessas áreas. **Estamos a falar de uma exposição, magnificação, de fragilidades que já lá estavam. O vírus exacerbou essas debilidades?** Sim, é o efeito revelador da pandemia. No mar, uma maré extremamente vazia mostra-nos coisas que estavam lá e não são visíveis. Mas que não são invisíveis para quem faça mergulho. As pessoas que estudam estas coisas conhecem-nas, mas a pandemia veio torná-las evidentes para todos. Essas situações deixaram de poder ser ignoradas.

Passado um ano, parece-lhe que foi prestada, por parte de quem gere o território, uma maior atenção a esses espaços, e a essas debilidades? Ou ficamos apenas a olhar para elas? Não podemos generalizar. O que me parece é que surgiram, um pouco por todo o lado, aquilo a que chamamos “soluções de urbanismo táctico”. Por pressão das pessoas, dos comerciantes, todos os autarcas perceberam que era preciso criar uma espécie de limiar mínimo de espaço público que pudesse funcionar num contexto de fortes restrições. E isso passava pelas explanadas, pelos passeios um pouco mais largos, pela intensificação da abertura de cicloviárias, por intervenções em espaços verdes que já existiam. Essa foi a resposta possível, imediata. Mas os problemas estruturais exigem soluções estruturais. E essas demoram tempo, são lentas e muito complexas. É fácil imaginar a distância, do ponto de vista da



Uma cidade não é um conjunto de aldeias. E seria um equívoco pensar que é. Porque não é nem pode ser

O mais extraordinário foi ver como, sobretudo no início, a pandemia suspendeu o funcionamento das cidades

possibilidade de concretização, entre fazer intervenções de urbanismo táctico nas áreas para classe média, que são mais espaçosas, e têm passeios, etc., e entre intervenções nos bairros inorgânicos. Aí pode-se fazer alguma coisa, mas é muito difícil. **Nas últimas décadas, a política pública dedicou grande atenção e investimento aos espaços centrais das cidades – os tais que agora se esvaziaram de turistas, e entraram também em crise. Com esta lupa ainda activa, a mostrar-nos esses problemas de que fala nas periferias, não seria tempo de mudar o centro da nossa atenção?** É verdade, mas isso levanta um problema complicado: quando tudo é importante, nós temos que ser muito mais selectivos. Nós temos que ter uma visão de cidade, e é em função dessa visão que definimos prioridades. É claro que toda a gente percebe que, entre

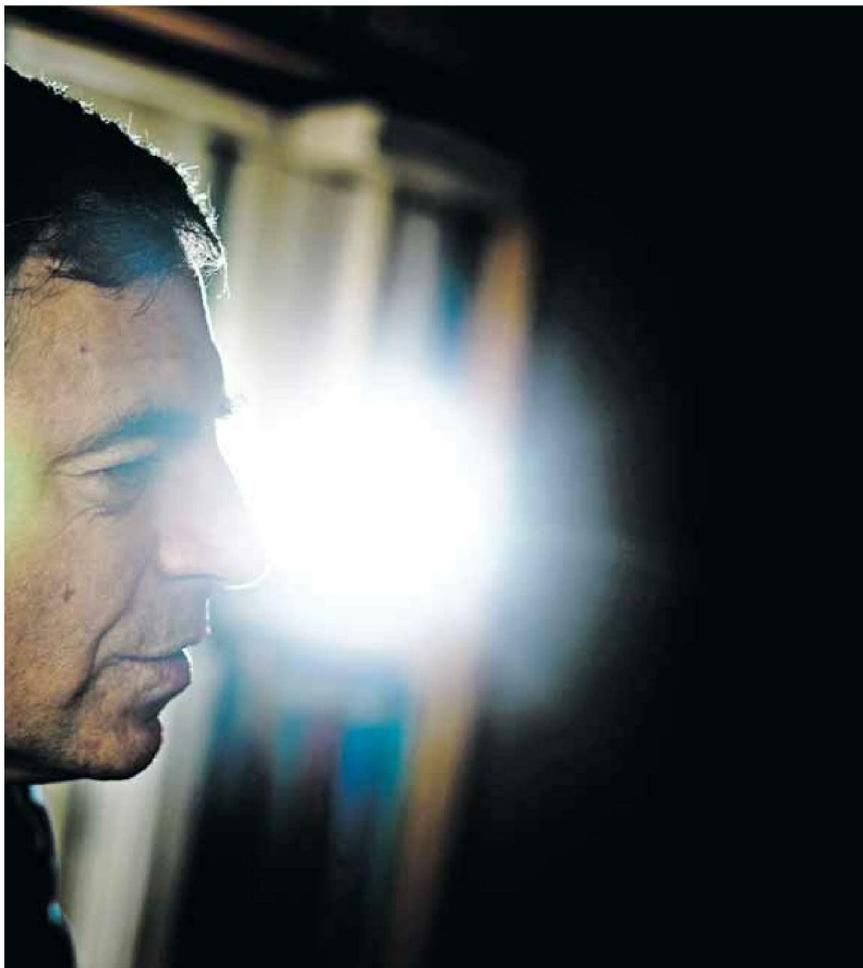
Área: 1222cm² / 43%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7112122



vários problemas, havia um importante, que era a desvitalização dos centros das cidades, e a degradação física em que estes espaços se encontravam. Estavam a morrer. E a reabilitação dos centros, e depois o turismo, apareceram como as grandes soluções para resolver um problema real. A solução criou novos problemas, mas aparentemente resolveu outros. Passou a haver mais vida, edifícios reabilitados. Essa menor pressão, sobretudo quando já víamos alguns efeitos positivos mas sem os excessos do turismo, permitiu também que do lado da academia, dos activistas, e das próprias autarquias, se colocasse mais no centro a pergunta: e as periferias, e os subúrbios? O que fazemos aí? Agora, com esta crise, a da pandemia, temos uma certa igualização dos problemas. Toda a cidade tem problemas. São é diferentes.

Duas das cidades-estrelas da

Europa, Paris e Barcelona, aceleraram um processo de transformação do espaço público em favor de uma ideia de proximidade, com os conceitos da Cidade de 15 minutos, e os superquarteirões de Barcelona. Outras estão a seguir o exemplo. A valorização da proximidade veio para ficar?

Sim, mas... Cuidado com duas coisas: as dicotomias, e as pendulações. A história das cidades e do urbanismo sempre oscilou entre a lógica da proximidade e a lógica da circulação. E há períodos em que a aposta é numa ou na outra, como num pêndulo. Em Portugal, tardiamente, nos anos da década de 90 chegou a lógica da circulação, com os centros comerciais, os parques de escritórios e serviços junto aos nós, o abandono dos centros e dos bairros. Mas, curiosamente, antes de começar a pandemia, as principais insígnias já estavam a

desenvolver o comércio de bairro, nos mesmos lugares onde contribuíram, antes, para o colapso do pequeno comércio. Devemos aprender com estas dicotomias e oscilações. Com a pandemia, passámos a valorizar, outra vez, a questão da proximidade geográfica, mas a cidade dos 15 minutos tem que ser articulada com a cidade da circulação. Porque uma cidade não é um conjunto de aldeias. E seria um equívoco pensar que é. Porque não é nem pode ser. E o próprio conceito de cidade de circulação tem de ser repensado. Porque mais do que a circulação automóvel, hoje em dia ele conjuga explicitamente aquilo que a cidade moderna escondeu. Todas as grandes entradas e saídas da cidade foram construídas em cima de linhas de água que, nalguns casos, estavam a ser recuperadas há dez ou 20 anos. Há um regresso da natureza que foi acelerado com a pandemia.

Área: 1222cm² / 43%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7112122